CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
5 e 15 de setembro de 2026

THE KING OF COMEDY / 1982

O Rei da Comédia

um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / Argumento: Paul D. Zimmerman / Fotografia: Fred Schuler / Cenários: Boris Leven / Produção musical: Robbie Robertson / Som: Lee Lazarowitz / Montagem: Thelma Schoonmaker / Interpretação: Robert De Niro (Rupert Pupkin), Jerry Lewis (Jerry Langford), Diahnne Abbott (Rita), Sandra Bernhardt (Masha), Ed Herlihy (o próprio), Lou Brow (Dirigente da orquestra), Loretta Putter, Peter Potulski e Vinnie Gonzales (os fãs), Whitey Ryan (o guarda dos bastidores), Doc Lawless (o motorista), Marta Heflin (a jovem), Katherine Wallach e Charles Kaleina (os caçadores de autógrafos), Richard Baratz (o caricaturista), Catherine Scorsese (a mãe de Rupert), Cathy Scorsese (Dolores), Chuck L. Low (homem no restaurante chinês), Leslie Levinson, Alan Potashnick, Michael Kolba, Dra. Joyce Brothers (a própria), George Kapp (o convidado mistério), Victor Borge (o próprio), Tony Randall (o próprio), Martin Scorsese (o realizador de televisão), Charles Scorsese (o 1º homem no bar).

Produção: Arnold Milchan / Produtor executivo: Robert Greenhut / Cópia: DCP, cor, legendada eletronicamente em português, 109 minutos / Estreia em Portugal: Cinema Londres, a 28 de Julho de 1983.

The King of Comedy apareceu, em forma de argumento, pela primeira vez a Scorsese em 1974, tinha ele acabado **Alice Doesn't Live Here Anymore**. O realizador confessou por várias vezes de que nele apenas gostara do monólogo, que permaneceu inalterado na adaptação, e que os personagens lhe pareciam aborrecidos, estúpidos e banais. Continuando com a sua confissão, foi cinco anos mais tarde *"após muitas experiências profissionais e pessoais"* que Scorsese começou a compreendê-los. De Niro insistira de novo para que Scorsese relesse o argumento após a sua projectada adaptação por Michael Cimino ter ficado sem efeito devido ao empenhamento deste realizador em **Heaven's Gate**. O argumento tinha alguns pontos em comum com individualidades conhecidas e a referência mais imediata era a de Johnny Carson, debaixo da pele de Jerry Langford. Carson, popularíssimo nos Estados Unidos, mas um desconhecido fora das fronteiras, recusou o papel que acabaria por ser entregue a Jerry Lewis, o que viria a contribuir para algumas alterações no projecto, acabando por se tornar o personagem central do argumento e influenciando, com a sua personalidade, a própria encenação. É certo que, antes de mais, se trata de um filme de Scorsese, marcado pelo seu universo pessoal, mas não é menos certo que há em **The King of Comedy** um efeito de estranheza que o distingue dos restantes filmes do realizador e o aproxima do mundo peculiar dos filmes de Jerry Lewis. O resultado final de **The King of Comedy** é algo de híbrido em que De Niro representa o cinema de Scorsese (o seu Rupert vem na linha de Travis Bickle de **Taxi Driver** e do Jake LaMotta de **Raging Bull**) e Jerry... o de Jerry, intercalando-se por vezes algumas das obsessões de cada um deles: Rupert é portador de um estigma tipicamente *Lewisiano*, o da mãe castradora e omnipotente, invisível e, por isso mesmo, mais ameaçadora, que constantemente lhe grita em *off* (a voz é a da própria mãe de Scorsese, sem que disso se possa inferir qualquer analogia tratando-se, antes de mais, da economia de produção).

Não é o único membro da família Scorsese a aparecer no filme, mas, mesmo assim, a escolha não deixa de ser curiosa. Muitos outros sinais do cinema de Jerry Lewis se encontram no filme de Scorsese. Por um lado os *gags* que têm por centro o seu personagem, variações "negras" (se tal fosse possível) do seu **Smorgasbord**, dos quais o mais sinistro, é o da abordagem da senhora no telefone público que pede a Jerry Langford que fale com o neto que está no hospital, ou o da perseguição que Masha

(uma fabulosa Sandra Bernhardt, ela mesma uma *stand up comedian* que Rupert sonha ser) lhe move pelas ruas. Ou a cena de histerismo da mesma Masha que, no começo do filme, vai permitir o primeiro contacto entre Rupert e Jerry. Também ela, pelo seu excesso e caricatura recorda alguns momentos do cinema de Jerry Lewis. Mas onde a semelhança se revela mais é na cena da sedução com Jerry enrolado na fita adesiva. Masha no seu desejo vampírico de posse de Jerry, cantando e despindo-se, evoca irresistivelmente (como caricatura) Shirley MacLaine enleando-se em volta de um Jerry paralisado ao som de *Enamorata* em **Artists and Models** de Frank Tashlin. Aliás este realizador, hoje injustamente esquecido, está a mais de um título presente em **The King of Comedy**, como mestre de Jerry, pelo tom negro das suas sátiras de que a televisão foi alvo por excelência, e pela presença de Tony Randall, num plano que nos remete de imediato para a sua obra prima **Will Success Spoil Rock Hunter?** (**A Loira Explosiva**), a mais fabulosa *charge* que alguma vez se fez à televisão: prisioneiro do vídeo como na sequência que representa o intervalo no filme de Tashlin, em que o écran em Cinemascope se reduz ao tamanho de uma televisão e Randall se interroga sobre o destino do "herói". Voltemos ainda a Jerry cujas marcas não se ficam por aqui. A personagem de Langford, isolado, sem poder confiar em ninguém, acossado por admiradores, refugiando-se num egoísmo extremo, não deixa de evocar alguns dos seus retratos de vedetas que não recusam mesmo os conselhos paternalistas aos pretendentes a uma carreira. Langford é, em certa medida, o herdeiro de personagens *lewisianos* em **The Bellboy**, **The Errand Boy**, do *Buddy Love* de **The Nutty Professor** e, principalmente, do actor que vem substituir outro (o pretexto sonhado por Roger Rupert nas suas fantasias) para logo se tornar uma vedeta egoísta e destruidora na sua obra prima **The Patsy**. Poderia ir ainda mais longe. Outros traços na personalidade de Rupert evocam muitas das criações: a persistência, entre a teimosia e a estupidez, e o infantilismo das reacções, em especial nas suas relações com o sexo oposto marcadas pela imaturidade: o livro dos autógrafos que leva para o seu encontro com Rita, variação sobre outra figura de Jerry num filme de Tashlin: **Hollywood or Bust**.

Mas **The King of Comedy** é também um filme de Martin Scorsese. E o plano que melhor nos faz mergulhar no seu universo tem a ver, não com Rupert, mas com a figura de Langford. No seu apartamento, frio e despersonalizado, onde vai mastigando sem gosto a refeição, Jerry contempla sem ver, com indiferença, o filme que a televisão transmite: **Pick Up on South Street** (**Mãos Perigosas**) de Samuel Fuller. Com o som desligado, numa atmosfera fria e solitária, a imagem prolonga o mesmo sentido desesperado do que era transmitido por Bickle em **Taxi Driver** diante do seu aparelho quando, no seu quarto, o derruba com o pé. Por outro lado, o plano de **Pick Up...** escolhido é evocativo do universo de Scorsese: a mão de Richard Widmark penetrando na mala de Jean Peters dentro do Metro sublinha a solidão dos heróis e a violação como perversão da comunicação. O plano liga a entrega do laço de Jerry e Rupert e o roubo da recordação por Rita em casa de Jerry. Neste último caso o plano da mão é exactamente como o de Fuller. É só pelo rapto/violação que Rupert se faz ouvir, e alcança os seus objectivos: sair do anonimato (*"Mais vale ser Rei por um dia do que ignorado a vida inteira"*), ser outro. Como em **Taxi Driver** ou **Raging Bull** também **The King of Comedy** é a história duma obsessão, da corrida para a celebridade à custa seja do que for: Rupert e Travis, por outros caminhos, poderiam ser o jovem que matou John Lennon.

O que desconcerta neste filme de Scorsese é a ausência de efeitos que são a marca dos filmes anteriores. Não encontramos nele a mobilidade da câmara ou a montagem rápida de **Taxi...** ou **Raging Bull**. Scorsese utiliza neste filme um estilo de *show* como aqueles de que fala: a câmara parada sobre o *stand up comedian* deixando-o fazer o espectáculo. Curiosamente é a Jerry que Scorsese dá os momentos mais "cinematográficos" de **The King of Comedy**: a belíssima sequência no interior do apartamento, já referida, a perseguição a Masha, o diálogo com o agente pelo telefone após o rapto (que parece saída directamente de um filme de Lewis), e o *plongée* sobre Rupert prendendo Langford com a fita adesiva (saída indubitavelmente de um filme de Jerry). Por tudo isto permitam-me a ousadia (ou o sacrilégio para os *scorsesianos*) de pensar que **The King of Comedy** é mais um filme de Jerry Lewis.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico